

## A AVENIDA: OS CAMINHOS PARA A MODERNIDADE NA VIRADA DO SÉCULO

Laura Ribeiro<sup>1</sup>  
Luciana Nascimento<sup>2</sup>

### Resumo

O presente trabalho, que ainda está em andamento, tem o intuito de discorrer sobre os sentidos de Modernidade na Belle Époque carioca por meio da análise da primeira edição de um periódico circulante no Rio de Janeiro em 1912, *A Avenida: Semanário Ilustrado*. O semanário em questão tendo como público a capital da nova república e objetivo principal a divulgação e discussão de produções artísticas pode revelar aspectos concernentes à visão da camada de artistas sobre o seu contexto social contribuindo para o entendimento das tensões em que consistiam a formulação da identidade e crenças do novo homem moderno. Deste modo, seguindo a linha de Marshall Berman (1986) acerca da Modernidade, assim como o apoio de estudos sobre a nova república, analisou-se elementos de *Avenida* vendo seus reflexos da sociedade carioca e suas contradições e questionamentos. Dentre o que foi identificado temos a alta contradição identitária do homem moderno brasileiro sobre sua nacionalidade e lugar em um contexto de país que corria atrás de uma modernização tardia em relação às potências mundiais.

**Palavras-chave:** Modernidade; Rio de Janeiro; *Avenida Semanário Ilustrado*

### Abstract

This paper, which is still in progress, aims to discuss the meanings of Rio de Janeiro's Belle Époque modernity, by analyzing the first edition of a circulating journal in Rio de Janeiro in 1912, *A Avenida: Semanário Ilustrado*. The present weekly, with the new republic as its public and the main objective of disseminating and discussing artistic productions, can reveal aspects related to the artists' view of their social context, contributing to the understanding of the tensions, in which they consist in formulation of the identity and beliefs of the new modern man. In this way, following the line of Marshall Berman (1986) on Modernity, as also some studies on a new republic, it was analyzed the elements of the *Avenida*, seeing its reflections of Rio's society and its contradictions and questions. Among what was identified, we have a high contradiction in the identity of the modern Brazilian man regarding his nationality and place in the context of the country that ran after a late modernization according to the world powers.

**Keywords:** Modernity; Rio de Janeiro; *Avenida Semanário Ilustrado*

### Introdução

As primeiras décadas do século XX no Brasil são marcadas pela euforia urbana brasileira mediante ao futuro que se aproximava, a modernidade que se alastrava pelas ruas da cidade e pelo cotidiano carioca. A belle époque, a imprensa, os folhetins e periódicos compõem o cenário da antiga capital que fervilhava no sabor da modernização. Dentro da visão de Marshall Berman, o século XIX e a transição para o XX carrega o real sentido dessa inovação e ideologia, o vigor medido para a mudança, o qual se revelou aqui promovendo um sentimento estimulante para os anos que se seguiram na nova República. Neste estudo, pretende-se identificar a ideia de modernidade pulsante no início do século XX e, para tanto, é considerada a importância da imprensa local e seu estágio no momento em questão. Foca-se, para tais fins, na primeira edição do periódico *A Avenida*

---

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras: Português-Literaturas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora de Iniciação Científica orientada pela Profa. Dra. Luciana Nascimento.

<sup>2</sup> Docente do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Departamento de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras/UFRJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq- Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

analisando seus elementos componentes e reveladores da sociedade e contexto que o produziu. Com os resultados desse trabalho, ainda em andamento, espera-se melhor compreender a expectativa quanto às novidades da virada do século e sua relação com a imprensa.

Este artigo é resultado da primeira etapa da iniciação científica sob orientação da Profa, Dra. Luciana Nascimento na Faculdade de Letras-UFRJ e compõe os estudos realizados pelo grupo A Cidade e as Letras, o qual está voltado para o estudo das cartografias urbanas da Belle Époque do Rio de Janeiro até à Amazônia<sup>3</sup>.

## A modernidade e seus contexto

Utilizamos a base conceitual sobre a modernidade, lançando mão das reflexões de Marshall Berman, (1986), através da qual se identifica a contradição no âmago das transformações. Em seu texto, nomeado em referência a uma fala de Marx, *Tudo o que é Sólido Se Desmancha no Ar*, apresenta uma segunda etapa da modernidade que surge em meados do século XVIII e se estende até o XX e é pintada pela euforia e ameaça, pois enquanto o novo invade o espaço deslumbrando seu contemporâneos, mina o que é conhecido e familiar; é “destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”. (BERMAN, 1986). Isto se refletirá na literatura do século XIX quando autores se mostram ao mesmo tempo “entusiastas e inimigos da vida moderna” (ibidem) o que se pode observar nos periódicos, a imprensa, um dos símbolos da nova paisagem rápida e eficiente construída no período elencado como pulsante da modernidade.

No Brasil, o fim da escravidão e a inserção da república, dentro de um pequeno surto industrial, com uma população majoritariamente analfabeta-sendo a capital exceção desta regra- e receptora de novos elementos urbanos tais como bondes elétricos, máquinas fotográficas e datilográficas, o rádio, etc. Era um momento da necessidade e possibilidade do aceleração da informação circulante. Os periódicos começaram a ser produzidos com intervalos mais curtos e o transeunte estava antenado (LUCA, 2008).

A elevada produção europeia pós-revolução industrial, no século XIX, excedia o consumo local, fator que causou a expansão não só do mercado consumidor, mas também do sistema capitalista pelo globo. A capital carioca foi atingida por tais inovações e conseqüentemente reprodutora delas para o Brasil, não como cópia exclusivamente, mas na tentativa de criação de alguma estabilidade mediante à irradiação proveniente das nações que as propagavam ou ao menos estavam prontas para adequarem-se à crise de desenvolvimento (SEVCENKO, 1989).

“O Rio Civiliza-se”, frase célebre do Figueiredo Pimentel que se tornou lema do processo de destruição e reconstrução da cidade carioca. No bojo de tal movimento foi louvado por ser visto como necessário para dar à cidade um status digno de capital de um país que respirava novos ares, os quais são representativos da expectativa do moderno. Surge um urbanismo utópico, aquele que irá se responsabilizar por formalizar em estruturas físicas uma nova ordem social, a recusa ao antigo cuja expressão é uma barbárie espalhada pela cidade. Era tempo de eliminar o caos e estabelecer uma boa imagem. A caminhada perpassa o inferno social: a superlotação, insalubridade, fome, falta de transporte e alto desemprego<sup>4</sup>.

A estrutura urbana não dava suporte ao crescimento exacerbado de habitantes criando um ambiente caótico altamente insalubre. Epidemias como a febre amarela, que se alastrava desde o segundo reinado, insistiam em cima dos cidadãos juntamente com a tuberculose, varíola, malária, e outras doenças que gritavam a atenção de sanitaristas, os quais acreditavam que a derrubada das moradias coletivas solucionaria parte da problemática. O que já era uma dificuldade antes, agrava-se com esta atitude; a população se viu empurrada

---

<sup>3</sup> Visite nosso site: <https://acidadeasletras.com>

<sup>4</sup> Os números apresentam alto índice de crescimento populacional em curto espaço de tempo, em uma década, de 1890-1900, houve 3% a.a. de aumento populacional e de 1900-20, 3,2% a.a.

para as margens da cidade superlotando agora casas menores que antes. Foi criada, portanto uma *urbis utópica* (NASCIMENTO, 2005) que entre contrastes e incoerências prometia novos tempos sob a negação de sua real essência e história.

## A Avenida

Foi na década de 1910 que surge **A Avenida: Semanario Ilustrado**, com sua sede localizada no centro no Rio, mais especificamente na Avenida Central (atual Rio Branco), nº15. Este periódico circulava apenas aos sábados na própria cidade, e dele temos disponível quatro edições na Biblioteca Nacional Digital das quais destacamos a primeira (06/07/1912), objeto de estudo deste trabalho. Como os autores propriamente o apresentam, é voltado para artes sem preferência sobre estilos ou escolas: “Todas as manifestações artísticas e literárias encontrarão o mais franco e decidido apoio nas nossas columnas, sem preconceitos de escolas, religiões ou raças”. O semanário incluiu publicações de Agrippino Grieco, Gonçalves Crespo, Carlos Maul, Octavio Rocha, Catulle Mendés, Guerra Junqueiro, Alexandre Theuriet e Alexandre Dumas; ele possuía uma abertura para que escritores, conhecidos ou não, enviassem seus escritos e participassem da composição de sua edição.

O periódico escolhe tal nome não apenas como representativo da localização de sua sede, mas como complemento do significado que a dá através de sua valoração espacial, econômica e, por abstração, ideológica que funcionam como símbolos do processo de transformação que envolvia o país. Encontra-se em sua apresentação uma estrutura de sentidos atribuídos de forma elegante como deveria ser para a década de 1900 que funcionam metonimicamente, para a capital e em seguida para o país:

A avenida é a alma da nossa formosa cidade, das mais bellas do mundo, com uma esmeralda engastada aos pés- A Guanabara, um sol de ouro a refulgir nas magestosas e artísticas fachadas dos seus palacios, uma saphyra de azul vivo e cantante a corôar-lhe a frente. Dá-lhe vida um povo activo e intelligente, e após um lethargo de mais de meio seculo, viela antiga e estreita, a se desmoronar, onde parecia habitarem o tédio e o desanimo, desperta hoje moderna, resurgida por um grande progresso, cheia de movimento e alacridade, de automoveis reluzentes como o verniz de um chromo, de plumas, véos e perfumes. [...] Neste meio culto e intellectual da Cidade do Rio, <<A Avenida>>, semanario illustrado, surge hoje dando os seus primeiros passos. Será um periodico modesto, dedicado ao hospitaleiro povo carioca. [...] (ipsis litteris)

Como dito anteriormente, era um momento de grandes mudanças e muita euforia que aumentava a cada novo elemento inserido na sociedade citadina da capital brasileira e a Avenida Central aqui se torna símbolo de todas as grandiosidades que chegavam à população carioca. Todo concreto revirado é exaltado para exaltar a própria pátria em renovação. No processo de melhoramento urbano-nacional, está também o acordar de certa camada social que se renova tanto em membros como em modos de pensar e agir. O “povo activo e intelligente” finalmente pode regozijar-se mediante ao novo quadro que se pinta, deixa-se de lado as barbaridades, “o tédio e o desamino” e se avança para o futuro.

A alta elite ainda era restrita aos grupos mais abastados do período imperial, famílias antigas que apenas aprenderam a se adaptar aos novos meios e termos; era composta por políticos, fazendeiros e grandes comerciantes que já não precisavam fazer da capital moradia fixa para manter o controle de suas rendas e influências no governo como antes na corte. A república permitia mais flexibilidade pela sua estrutura descentralizada, apesar da riqueza e conseqüentemente o poder ainda depender dos grandes fazendeiros devido às altas exportações agrícolas. Com os recursos crescentes devido à cafeicultura, a elite apertou os laços comerciais com a França o que acarretava nas afinidades culturais a que se referem o período da Belle Époque carioca. Desta forma, os modos e costumes característicos desta época ficam entrelaçados com o sentimento

de prosperidade e modernidade econômicos, gerando um único sentimento de virtuosidade que deveria ser buscado em todas as instâncias.

Vislumbramos aqui cariocas e provincianos que passaram a se conhecer ao longo do período em que se registrava o surto de expansão da economia urbana, quando se criava a infra-estrutura do país e se promoviam as reformas urbanas do Rio[...] Em resumo, o “alto mundo” era o resultado da influência cultural estrangeira entrelaçada à emergente estrutura de poder carioca. (NEEDEL, 1993, p. 127)

Se tratando de Belle Époque, não é ignorável os comportamentos específicos e complexos que tal classe exigia em reproduzir, todos baseados em referências de luxo externas e europeias, franco-inglesas, completamente distintos dos tradicionais brasileiros. A Europa sendo superior hierarquicamente na economia, a cultura por natureza estará atrelada a esta ordenação e, crescendo-se o número de chegados à potência, pelo desenvolvimento da elite e aumento da frequência das viagens ao exterior, cresce os imitadores de seu gosto. Cada traço comportamental é referente às suas origens, as quais são totalmente imersas em valoração. Os traços de requinte são muito complexos e específicos não ao acaso, são reafirmações de sua distância ou desconhecimento do grande ideal de ser social. É por esta razão que são encontradas colunas de jornal com aconselhamentos de etiqueta para os novos ascendentes à elite. Figueiredo Pimentel, a quem já houve menção, teve papel importante nessa história de determinação de conduta social. Escrevia para a coluna Binóculo do Gazeta de notícias entre os anos 1907-1914 sobre as melhores formas de se portar em sociedade saciando parte da ansiedade de camadas da sociedade que não tinham o privilégio de viajar constantemente a Londres ou Paris para habituarem-se aos estilos da moda, mas estavam na fronteira da ascensão social, sendo portanto essencial sua autoafirmação através da atuação perante ao “alto mundo” (ibidem). Entretanto,

A contradição é perversa. Se a elegância é uma característica do indivíduo, assim como a graça e a inteligência, e capaz de defini-lo como “cavalheiro”, então os leitores da elite de Figueiredo Pimentel eram com certeza grosseiros mal-educados. (NEEDEL, 1993, p. 154)

É em vista desta busca por modelos estrangeiros que Sevcenko (1989) irá apontar a duplicidade instaurada na identidade brasileira. O Brasil busca transformação por meios externos a sua própria origem negando a si mesmo; a burguesia citadina é o novo auge de civilização enquanto os grupos tradicionais são expulsos do centro da cidade. O exagero pode ser contemplado no estranho cumprimento que surge na primeira guerra mundial, “Viva à França!” contrapondo a restrição de certas fantasias de carnaval, comportamentos dos foliões e até de um símbolo boêmio, o violão. A busca por elementos brasileiros que antes era tão buscada pelos românticos parece se perder na busca por bons padrões.

É então neste contexto que se encontra **A Avenida: Semanário Ilustrado**, tráfego das forças de disputas identitárias brasileiras na virada do século.

Na primeira edição do periódico, dentre pequenos furos de notícia, anúncios do mundo da arte como qual ator ou pintor está produzindo uma nova obra, encontro algumas partes que contribuem para a discussão proposta. Dentre elas, não postas em ordem como aparecem na edição, está um poema por Agripino Grieco, intitulado “Amor”.

Ante o esplendor vivaz de tua excelsa glória  
Toda a terra palpita em commoções supremas,  
E ebria de tua luz, n'um canto de Victoria,  
A alma dos moços vibra, entre hosannas e poemas.

Por ti é toda aroma e pradaria florea,  
As arvores por ti esmaltam-se de gemmas,

E para apoteosar-te a noite merencorea  
Semeia pelo azul mil fulgidos diademas.

No viço e no frescar das magnólias, no vôo  
Das aves, no rumor festivo das colméias,  
Nos milagres do sol, Amor, eu te abençô!

Sê bemdito no olhar da creatura querida,  
Sê bemdito no ardor que pões em nossas veias,  
Fonte de todo o bem, gérmen de toda vida.



Figura 1 (Caixa Da Avenida, 06/07/1912, p. 11)

Uma ode ao que se refere o título se compõe em soneto perfeito, preciosista e símbolo do que se pode achar em poemas parnasianos. É extremamente frívolo ao exaltar algo aparentemente grandioso que, por mais que acenda a alma dos seres e movimente a terra, é esbelto e externo a ponto de ser abençoado pelo sujeito lírico. Curiosamente à frente nas páginas do semanário encontramos nas falas dos autores d'A Avenida sobre aqueles textos enviados para a “caixa da Avenida” críticas que sugerem a escolha de versos livres e de temas mais finos, mais apropriados para publicação. É um período de transição entre estilos literários e, por mais que o periódico se dispusesse a apoiar qualquer manifestação artística independente de escolas, a crítica, para benefício de todos, não se fazia calada. Afinal, é força que impulsiona reformulações acerca da consistência de uma estrutura artística.

A falta de uma crítica assim é um dos maiores males de que padece a nossa literatura; é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e de história se investiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e eduque, para que a literatura saia mais forte e viçosa, e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam (ASSIS, 1994, p.3).

Os furos de reportagem retratados no jornal já não nos remetem ao seu referente devido à efemeridade de tais notícias, mas nos compõe o sentido da existência do próprio semanário, revela o que mais havia de importante nos fuxicos do século XX. A nós é deixado o retrato daquela semana, ano, década, em que no jornais havia espaço para poemas encomendados, propagandas tão fantásticas que certamente eram enganosas, anúncios de concursos de beleza, anedotas, espetadas na República e sociedade. Sobre estas, há mais três itens a se destacar desta edição.

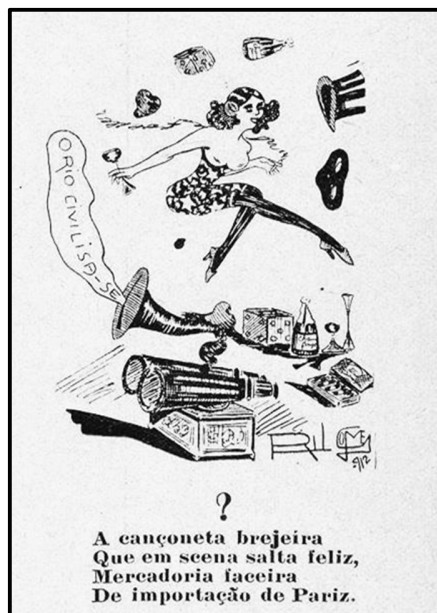


Figura 2 (O Rio Civiliza-se. A Avenida, 06/07/1912, p. 5)

Esta charge é incisiva ao exprimir valores contrastantes presentes na alta burguesia carioca. No centro há uma senhorita representante de uma classe libertina, brejeira, feliz em meio à ostentação de itens de luxo remetendo ao estilo de vida idôneo do alto círculo social, vinhos, cartolas, vitrola da qual sai a música dos novos tempos, o lema lançado por Figueiredo Pimentel, “O Rio Civiliza-se”. Estes símbolos os são para além do requinte, são da atualidade e, por isso, europeizados. Apenas a elite poderia ter acesso a tais objetos, sendo assim a única parcela que realmente pôde desfrutar do conceito de modernidade em sua completude, segundo sua própria crença do que constituía o espírito do novo tempo. Deste modo, no confronto entre realidade e expectativa, enquanto a cidade lutava e se desdobrava para atender às expectativas quanto à arquitetura, transportes, iluminação, saneamento, etc, a elite podia tornar realidade o luxo, viajar ao exterior, importar produtos caros e ostentá-los na Rua do Ouvidor - ao contrário da população simples que era empurrada cada vez mais para longe de qualquer realidade ou expectativa de vivenciar a modernização de forma plena.

A charge é mordaz, assim como a própria canção, ao ironizar a ostentação de tais objetos falsos. A fraude dos mesmos vai além da confecção, como uma pérola falsificada, estão no local de obtenção. Não pertencem de fato à senhorita, são apenas importação de Paris; é a fraude de uma classe que não possui identidade certa, mas procura parecer com outrem sem nem mesmo o conseguir. A distância cultural não é superada independentemente dos esforços da elite, ainda são parte de um país jovem e atrasado que luta para se adaptar à modernidade avassaladora europeia.



Figura 3 (A Avenida, 06/07/1912, p. 2).

A tira complementa a crítica da primeira charge, tendo em vista ser uma sátira sobre a indústria da moda e a dificuldade de adaptação das mulheres a ela. O preço da inovação nem sempre se vale a ser gasto, enquanto são rasos e pouco oferecem benefício a quem compra. Uma saia com o cóz para baixo é uma das saídas para se ajustar às novas regras que a alta cultura exige, esta que aqui já foi esclarecida como estrangeira e, portanto, falsa. Mais verdadeiro para um brasileiro é a adequação por meios mais simples, atalhos curtos para se manter estável em meio a tantas transformações que a modernidade traz; é a criatividade que nasce na obrigação de se adaptar e não ter os recursos exigidos por quem dita as regras.

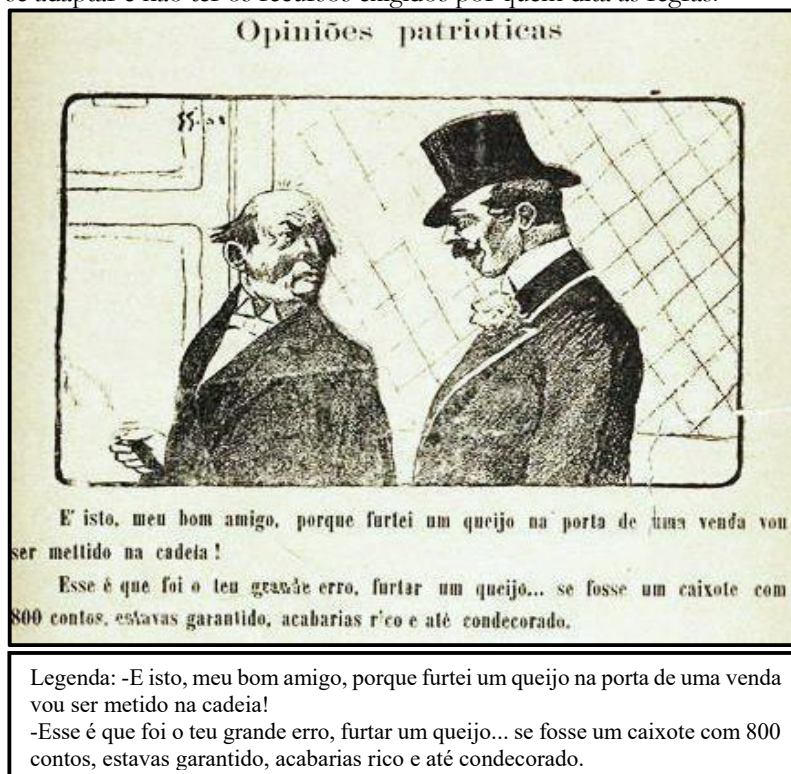


Figura 4 (A Avenida, 06/07/1912, p.10).

Por fim, a segunda charge a se destacar, está sob o título de “Opiniões Patrióticas”, é uma crítica à impunidade dos abastados criando um interessante diálogo entre os leitores e colaboradores do periódico.

Ambos os homens bem vestidos - o segundo mais do que o primeiro - revelam desacordos presentes na nova vida republicana, deixando a carapuça a quem servir. É perceptível então que os autores não estavam perdidos em deslumbre e euforia sobre as novidades que chegavam na capital, na verdade estavam em diálogo com as contradições que as mesmas traziam. As mazelas de seu tempo não eram ignoradas, revelando aqui parte dos contrapontos do novo momento urbano: avançar não significou deixar tudo de ruim para trás.

Como visto, as opiniões patrióticas apesar de serem título da charge anterior, não estão contidas apenas em uma seção do jornal, estão dissolvidas pelo todo. É dado em um mesmo exemplar local a múltiplas vozes construindo a paisagem cheia de contradições que era e nunca deixou de ser o Rio. O louvor e a arguição estão combinados acerca dos bons tempos, bons modos, boa e má literatura, boa e má cidade, consolidando-se como forças opostas e, portanto, complementares.

### Considerações Finais

O estudo acerca da primeira edição do periódico **A Avenida: Semanario Ilustrado** permite o registro de traços de seu contexto social e histórico. A concepção de modernidade que vai além de questões econômicas, atinge os modos de vestir, agir, pensar da alta elite que buscava suas referências na França e Inglaterra deixando de lado características tradicionais da população brasileira, perdendo-se em meio ao estrangeirismo sem sentido.

De qualquer forma, a euforia fazia parte do processo e os autores do semanário eram entusiastas desta transformação, apoiando a renovação da cidade de forma metonímica com o próprio país, louvando a nova Avenida e sua pátria ao mesmo tempo. Esta adaptação a todas as novidades não pode ser de todo feliz, por mais que a turbulência do processo não afetasse gravemente a elite ou os entusiasmados, a injustiça permanece revelando que nem tudo foi realmente mudado.

### Referências

- ASSIS, Machado de, Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade. **Machado de Assis Vida e Obra**. Crítica. Org. Ministério da Educação. Disponível em <http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/109-noticia-da-atual-literatura-brasileira-instinto-de-nacionalidade>. Acesso em 12 de fev. de 2020.
- BERMAN, Marshall. Modernidade -Ontem, Hoje e Amanhã. In: **Tudo O Que é Sólido Desmancha No Ar: A Aventura da Modernidade**. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986
- COSTA, Maria I. Caser da. Biblioteca Nacional Digital. **A Avenida: Semanario Ilustrado**. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-periodicos-literatura/a-avenida-semanario-illustrado/> Acesso em 12 de fev. de 2020.
- LUCA, Tânia Regina De. A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX. In: LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza. (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- NASCIMENTO, Luciana. De vitrines e multidões: O nascimento do espaço urbano moderno. In: **Temas & Matizes**, v.4, n.08, 2º sem. de 2005, p.63-70. Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/428>. Acesso em 12 de fev. de 2020.
- NEEDELL, Jeffrey D. **A Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- Periódico Consultado**  
**A Avenida** (RJ) – 1912 – Acervo da Fundação Biblioteca Nacional- Rio de Janeiro- RJ/Brasil; TRB00482.0155; Rótulo: 119563, n. 1, ano I, 06 de julho de 1912; ano I, n. 2, 18 de julho de 1912; ano I, n. 3, 4 de agosto de 1912; ano I, n. 4, 18 de agosto de 1912.